

Pensamientos y Sentimientos sobre el Trabajo: un Estudio de Representaciones Sociales en Productores Rurales en Diamantino – MT, Brasil

Thoughts and feelings about work: a study of social representations in rural producers in Diamantino – MT, Brazil

Pensamentos e sentimentos sobre trabalho: um estudo das representações sociais em produtores rurais de Damantino – MT, Brasil

Investigadores: Adriana M. Tomé, * y Nilton. S Formiga, **
Universidade Federal de Mato Grosso
Universidade Potiguar, Natal-RN, Brasil

CDID “Centro de Documentación, Investigación y Difusión de la Carrera de Psicología”¹

Recibido: 28 de Junio/2020

Aceptado: 10 de Diciembre/2020

RESUMEN

El trabajo tiene una configuración central en la vida de las personas, creando una inserción económica y social, de procesos de subjetividad e identidad. A través del trabajo, el individuo participa en grupos sociales y establece roles, capaces de reconfigurar la percepción de sí mismo y de su entorno, permitiéndole reconocerse, satisfacerse, desarrollarse y realizarse. El objetivo fue evaluar cómo piensan y sienten los productores rurales de edad avanzada sobre el fenómeno del trabajo. Es una investigación descriptiva, cualitativa con 28 productores rurales del municipio de Diamantino - MT, Brasil, todos varones y con edades comprendidas entre los 65 y los 90 años; estos se dividieron en dos grupos: el primero, integrado por productores rurales, cuya propiedad no excede las 100 hectáreas, clasificados como pequeños productores; el segundo grupo, fueron productores con propiedad que suman más de 100 hectáreas, estos, nombrados grandes productores.

¹Correspondencia remitir a: Adriana M. Tomé, * Psicóloga pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais – UCES, Buenos Aires, Argentina. E-mail: adriana.tome@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6001-1076>

¹Correspondencia remitir a: Nilton. S Formiga, **** Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, com estágio doutoral realizado na Universidade Rural do Rio de Janeiro, em Psicologia Organizacional e do Trabalho. Atualmente é professor da Pós-graduação em Administração e Psicologia Organizacional (nível doutorado e mestrado) na Universidade Potiguar, Natal-RN, Brasil. E-mail: nilton.soares@unp.br e nsformiga@yahoo.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4907-9736>

¹Correspondencia remitir a: revistacientificaeureka@gmail.com, norma@tigo.com.py “Centro de Documentación, Investigación y Difusión de la Carrera de Psicología”, de Asunción-Paraguay.

Los participantes respondieron un cuestionario compuesto por datos sociodemográficos y preguntas sobre lo que piensan y sienten sobre lo que es el trabajo. Para analizar los resultados se utilizó la Teoría de las Representaciones Sociales, asociada al método de análisis del discurso. Los sentimientos y pensamientos sobre el trabajo de las personas en edad de jubilarse se clasificaron en las siguientes categorías: Autodeterminación, Dignidad, Negatividad sobre sí mismos, Meritocracia, Seguridad económica, Responsabilidad del Estado. Los pensamientos y sentimientos atribuidos al trabajo de los participantes de ambos grupos, con edad de jubilación, se relacionaron con la autodespreciación, la autodecepción, el desencanto, la decepción, la meritocracia, el conformismo, la dedicación, el optimismo, la autodeterminación, la dignidad, la valoración económica y el compromiso de Estado.

Palabras Clave: Trabajo; pensamientos; sentimientos; representaciones sociales; ruralidades.

ABSTRACT

Work has a central configuration in people's lives, becoming an economic and social insertion, of subjectivity and identity processes. Through work, the individual participates in social groups and establishes roles, capable of reconfiguring the perception of himself and his environment, allowing him to recognize, satisfy, develop and fulfill himself. This study aims to evaluate how elderly rural producers think and feel about the work phenomenon. This is a descriptive, qualitative research with 28 rural producers in the municipality of Diamantino - MT, Brazil, all male and age ranging from 65 to 90 years old; these were divided into two groups: the first, was composed of rural producers, whose ownership of property (s) does not exceed 100 hectares, classified as small producer; the second group, were producers with property (s) that total more than 100 hectares, these, named great producers. Participants answered a questionnaire composed of sociodemographic data and questions regarding what they think and feel about what work is. To analyze the results, the Theory of Social Representations was used, associated with the method of analysis of the discourse. The feelings and thoughts about work in people aged to be retired were classified in the following categories: Self-determination, Dignity, Negativity about themselves, Meritocracy, Economic Security, State Responsibility. The thoughts and feelings attributed to work for participants in both groups, with retirement age, were related to self-depreciation, self-disappointment, disenchantment, disappointment, meritocracy, conformism, dedication, optimism, self-determination, dignity, economic valorization and commitment of State.

Keywords: Work; thoughts; feelings; social representations; ruralities.

RESUMO

O trabalho possui configuração central na vida das pessoas, tonando-se uma inserção econômica e social, de subjetivação e processos identitários. Por meio do trabalho, o indivíduo participa de grupos sociais e estabelece papéis, capaz de reconfigurar a percepção de si e do seu ambiente, permitindo reconhecer, satisfazer, desenvolver e se realizar pessoalmente.

Este estudo tem como objetivo avaliar como pensam e sentem os produtores rurais idosos a respeito do fenômeno trabalho. Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo qualitativa com 28 produtores rurais do município de Diamantino – MT, Brasil, todos do sexo masculino e idade variando de 65 a 90 anos; estes foram divididos em dois grupos: o primeiro, foi composto por produtores rurais, cuja posse de propriedade(s) não ultrapassa 100 hectares, classificados como pequeno produtor; o segundo grupo, foram produtores com propriedade(s) que totalizam mais de 100 hectares, estes, nomeados grande produtores. Os participantes responderam um questionário composto por dados sociodemográficos e questões referentes ao que pensam e sentem sobre o que é trabalho. Para análise dos resultados, utilizou-se a Teoria das Representações Sociais, associada ao método de análise do discurso. Os sentimentos e pensamentos sobre trabalho em pessoas com idade de estarem aposentadas foram classificadas nas seguintes categorias: Autodeterminação, Dignidade, Negatividade sobre si, Meritocracia, Segurança Econômica, Responsabilidade do Estado. Os pensamentos e sentimentos atribuídos ao trabalho para os participantes em ambos os grupos, com idade para aposentadoria, relacionaram-se à autodesvalorização, auto-decepção, desencantamento, desapontamento, meritocracia, conformismo, dedicação, otimismo, autodeterminação, dignidade, valorização econômica e compromisso do Estado.

Palavras Chave: Trabalho; pensamentos; sentimentos; representações sociais; ruralidades.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento é uma categoria social construída no transcorrer da existência humana, que não permite conceitos absolutos e universais, e a representação que se tem do processo de envelhecimento na sociedade influencia na relação que se estabelece com o trabalho e a aposentadoria (Macêdo et al., 2017; Sticca & Pádua, 2016). Para alguns, se aposentar e parar de trabalhar sempre pareceu algo apropriado, mas o que se percebe é que o trabalho faz parte do ser humano, assim como o envelhecimento.

Um levantamento das últimas investigações sobre o tema mostra que a terceira idade é uma fase da vida marcada por aspectos positivos, relacionados à experiência, sabedoria e aposentadoria (Torres et al., 2015), e por vários estereótipos como a passividade, a improdutividade, degeneração orgânica e psíquica, além da desvinculação com o futuro (Jesuíno et al., 2017).

Schweitzer, Gonçalves, Tolfo e Silva (2016) expõem que nas duas últimas décadas houve mudanças econômicas, sociopolíticas, demográficas e tecnológicas que ocorreram de forma macro e que influenciaram no contexto do trabalho. Conforme Bendassolli (2011) o trabalho possui uma configuração central na vida das pessoas, pois, é uma possibilidade de inserção econômica e social, de subjetivação e de processos identitários. Desta forma, supre muito além das necessidades básicas e materiais, mas também as necessidades de *status* e reconhecimento social, e de construção da autoimagem.

Rohm e Lopes (2015, p. 333) resgatam a perspectiva de o trabalho ser percebido como uma “condição fundamental na existência humana”, pois através dele o homem se relaciona com o meio externo, construindo sua realidade interna, se inserindo em grupos sociais, atuando em papéis e perpetua sua existência. O trabalho “por viabilizar a relação dos indivíduos com o meio, em um dado contexto, expressa-se como incessante fonte de construção de subjetividade, produzindo significado da existência e do sentido de vida” (Rohm & Lopes, 2015, p. 333).

No entanto, os autores acima citados explicam que a configuração pós-moderna capitalista, trouxe mudanças de conjuntura política, econômica e social no mundo, realocou o trabalho e a produtividade como a principal fonte de busca pela realização e sentido de existência humana, o que inviabiliza a auto realização plena do indivíduo (Rohm & Lopes, 2015).

O trabalho enquanto atividade se constitui em uma das principais fontes de significados e tem um papel fundamental na construção subjetiva da pessoa e mostra as articulações e interdependência que se estabelecem entre a história individual e as determinações socioculturais (políticas, econômicas e culturais) na inter-relação entre o homem e o ambiente em que está inserido. Segundo Stevenson (1976, pp. 72-73) “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”.

Assim, por meio do trabalho, o indivíduo participa de grupos sociais e estabelece papéis, é capaz de reconfigurar a percepção de si e do seu meio, o que lhe possibilita reconhecimento, satisfação, realização pessoal e o seu crescimento e desenvolvimento pessoal. Quando o trabalho é remunerado, o seu valor econômico propicia a segurança e independência dos indivíduos trabalhadores.

Segundo dados do IBGE, em 2013, 45,1% dos idosos permaneciam trabalhando, sendo que em 67,6% a principal fonte de rendimento da população idosa fosse a aposentadoria ou pensão e em 28,3% o trabalho contribuía na composição do rendimento (IBGE, 2014). Os dados de 2019 constataram que 47% dos idosos que ainda estavam trabalhando, 45% são das classes A/B e 48% das classes C/D/E, e o faziam por necessidades financeiras; já 48% afirmaram que trabalham para se sentir mais produtivos, sendo que em 58% dos casos, pertenciam às classes A/B.

Silva, Kemp, Carvalho-Freitas e Brighenti (2015) pesquisando a respeito do trabalho voluntário empresarial constataram que o trabalho voluntário tem centralidade na vida das pessoas comparadas ao lazer e à religião, sendo atribuído valores como: possibilidade de realização com apoio da empresa; retribuição ao esforço despendido; reconhecimento dos familiares, dos amigos e da empresa e geração de pouco cansaço; atividade que permite o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal; reconhecimento do público atendido, entre outros. Os voluntários de menor renda atribuíam maior valor ao trabalho.

Snyder e Lopez (2009) distinguem engajamento e satisfação com o trabalho. O engajamento está relacionado ao envolvimento que o indivíduo tem com o seu trabalho, quando ele percebe que suas necessidades estão sendo atendidas, envolvendo um equilíbrio entre as atividades demandadas e as habilidades e personalidade do indivíduo; já a satisfação está relacionada ao entusiasmo que este indivíduo tem com relação ao seu trabalho, e está relacionada com a variação das tarefas e evitação do tédio.

Desta forma, percebe-se que o trabalho pode ser, tanto fonte de prazer e satisfação quanto de sofrimento, determinado pelas relações e condições proporcionadas. As condições relacionadas à satisfação envolvem uma negociação entre o desejo do indivíduo e a realidade em que se insere, envolvendo identificação com a tarefa executada, com os valores da empresa, sentido atribuído ao que se faz e possibilidade de exercer a criatividade. Quando essas necessidades psíquicas não são atendidas, há sofrimento, que pode desencadear somatizações, e dificuldades de relacionamento (Dejours, 2010).

Tolfo e Piccinini (2007) complementam ainda, afirmando que o trabalho permite a utilização de competências pelo sujeito idoso e demarca muito além da questão econômica, mas destaca a identidade que o idoso criou com o trabalho e as consequentes dificuldades de se desvincular do mesmo. Sendo que, quando realizado por sujeitos aposentados, a motivação perpassa as esferas econômicas e psicossociais, onde o idoso opta por voltar ao mercado de trabalho por: 1) não conseguir suprir as suas necessidades; 2) aumento de renda; 3) não conseguir se desvincular do trabalho.

As experiências vivenciadas pelos trabalhadores possibilitam a construção de representações de si e das relações de trabalho. Para Diener e Oishi (2009) o sentimento de utilidade, produtividade, convivência e necessidade do idoso passar a experiência adiante são vistas como mais importante do que o aspecto financeiro em si.

Objetivando conhecer as atitudes, crenças e valores atribuídos por idosos sobre o processo de envelhecimento e o trabalho, Souza, Matias e Bretas (2010) constataram que o afastamento do trabalho está ligado com a redução da qualidade de vida e de envelhecimento. No entanto, Robazzi, Marziale, Rodrigues, Silveira e Alves (2009) salienta sobre a importância deste trabalho ser prazeroso para o idoso, pois, condições de trabalho insalubre (movimentações de carga pesada e exposição a ruídos) podem ser negativos para o idoso.

Segundo Kegler, Santos e Macedo (2011, p. 330) o trabalho proporciona não só o sustento financeiro, mas tem sustento simbólico de autonomia, integração e um possível caminho em direção à ascensão social, propiciando “a sensação de totalidade e completude”.

A escolha pelo grupo profissional dos produtores rurais idosos se deu, pois, a partir da década de 1970, houveram políticas econômicas brasileiras de apoio à exportação e ocupação e desenvolvimento da Amazônia e do Centro-Oeste, que incentivaram o progresso no estado de Mato Grosso (Matos & Pessoa, 2011; Passos et al., 2006), dentre as principais políticas, pode-se citar o Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (PROAGO, 1973), Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO, 1975) e o Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento Agrícola da Região dos Cerrados (PRODECER, 1979).

Com o processo de urbanização houve mudança no contexto social e nos espaços rurais, sendo a agricultura transformada em um ramo industrial. O rural brasileiro passou a ser relacionado principalmente à exportação com grande influência na economia brasileira (Muniz & Souza, 2018). No entanto, ainda existem produtores com menores terras e com produções mais voltadas a subsistência, ou seja, a produção está voltada para a garantia de sobrevivência do agricultor, sua família e comunidade, mas que produzem também cerca de 70% dos alimentos que são consumidos pela população em geral (Santos & Barbosa, 2019).

Em acordo com Rambo, Tarsitano e Laforga (2016) tem-se que a agricultura familiar se caracteriza pelo envolvimento dos membros familiares no trabalho, tanto para subsistência como para o mercado, sendo a família possuidora dos meios de produção. A agricultura familiar ocupa pequenas extensões de terra, faz uso de tecnologias rudimentares e grande parte da sua produção se destina para o consumo familiar.

Segundo relatório da OXFAM (2016), as propriedades rurais brasileiras com mais de 1000 (mil) hectares somam apenas 1% do número total de propriedades rurais existentes no Brasil, mas nelas se concentram quase metade de toda a área agricultável brasileira. Devido às tecnologias empregadas, estes produtores conseguiram alcançar um alto nível de produtividade e eficiência no uso da terra.

Devido ao êxodo rural ocorrido no Brasil, onde as atividades que anteriormente eram realizadas por grupos de pessoas, agora são realizadas pelas poucas pessoas que operam as máquinas, uma publicação do INCRA/FAO (2000) revela que aproximadamente 85% das propriedades rurais brasileiras pertencem a grupos familiares, totalizando cerca de 13,8 milhões de pessoas, quase 4,1 milhões de estabelecimentos familiares que têm na atividade agrícola, praticamente, sua única alternativa de vida. Isso corresponde a 77% do total da população brasileira ocupada na agricultura. Além disso, o envelhecimento em contexto rural não se diferencia do contexto urbano, apesar de ser mais intenso devido à precariedade dos serviços rurais. Ocorre que nos espaços rurais brasileiros entre as décadas de 60 e 70, houve a modernização da agricultura que favoreceu os grandes proprietários e consequente descapitalização dos pequenos produtores.

Atualmente, isso reflete no frequente êxodo rural pela população jovem, que migra das pequenas propriedades em busca de novas oportunidades e melhores perspectivas de vida, deixando os produtores rurais idosos sem este tipo de suporte na execução das atividades rurais e na expectativa de sucessão familiar. Desta forma os espaços rurais brasileiros são habitados quase que exclusivamente por pessoas idosas (Delgado & Cardoso Jr., 2000; Ferraz et al., 2017), que muitas vezes necessitam dos benefícios previdenciários e da Assistência Social.

Segundo dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2016) nas últimas décadas, a qualidade do emprego jovem nas zonas rurais da América Latina e Caribe melhorou, no entanto, os salários ainda permanecem baixos e a carga horária é excessiva.

Corroborando com os dados acima, Direito, Lício, Marson e Frutuoso (2015), afirmam que a pobreza em contexto rural se apresenta em diversas dimensões: dificuldade de acesso a serviços públicos básicos, moradias mais precárias, menos anos de estudo e menor capacidade de geração de renda, desemprego, e dependência de programas sociais de transferência de renda. Segundo Azevedo, Campanili e Pereira (2016) a falta de assistência técnica e de linhas de crédito adaptadas à diversidade da agricultura familiar são exemplos do pouco incentivo para esta categoria.

Outro fator pela maior concentração de idosos do que jovens no meio rural é que os primeiros passaram boa parte de suas vidas na zona rural e acreditam que, se mudarem para a zona urbana, abandonarão parte de sua vida. Percebe-se dessa forma que, os laços afetivos, as questões culturais e a identificação com as atividades agrícolas são fatores importante para a permanência desses idosos na zona rural, mesmo que esta escolha venha acompanhada de menor rentabilidade, e exposição a riscos ocupacionais (Ferraz et al., 2017).

Calegare (2015) ressalta ainda que assim como as regiões brasileiras se diferenciam umas das outras, também temos processos psicossociais peculiares nos diferentes contextos e ambientes rurais (regiões periféricas em processo de urbanização, agreste, assentamentos rurais, pequenas propriedades rurais, entre outros). Para Carneiro (2012, p. 50) a ruralidade é “um processo dinâmico em constante reestruturação dos elementos da cultura local mediante a incorporação de novos valores, hábitos e técnicas”. Desta forma, “ruralidades” se refere às relações humanas estabelecidas pelas vivências que ocorrem em um espaço (imaginado ou concreto) permeado pelo encontro de aspectos geofísicos, psicopolíticos, socioculturais, entre outros, que caracterizam as práticas sociais, as identidades e o universo simbólico dos indivíduos (Calegare, 2017).

Devido às diferenças regionais, socioeconômicas e culturais brasileiras faz-se necessário entender as diferentes formas de inserção e vivência dos idosos em meio rural, uma vez que não existe somente uma forma de envelhecer.

Moscovici (1978, p. 44) acreditava que as representações sociais são “umas das vias de apreensão do mundo concreto”, pois estão presentes a todo momento na sociedade, tanto no campo simbólico quando nas práticas cotidianas. Moscovici (1961/2003) define as representações sociais como um corpo organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas por meio dos quais os indivíduos se integram em um grupo ou em relações diárias de trocas; um sistema de valores, noções e práticas que fornecem aos indivíduos meios para se orientar no contexto social e material, para dominá-lo. Assim, o foco consiste em compreender como o meio social interfere na elaboração das representações sociais pelos indivíduos e como estas representações sociais individuais interferem na elaboração das representações sociais dos grupos a que pertencem.

A respeito do funcionamento das representações sociais, pode-se dizer que esta se baseia nos saberes socialmente construídos e compartilhados, uma versão da realidade conforme a satisfação e justificativa das necessidades, interesses e valores do grupo que a produziu (Jodelet, 2003). Assim, as representações sociais são compreendidas como as opiniões construídas, reelaboradas e redimensionadas pelos indivíduos em relação à um determinado objetivo social, influenciado pela história de vida de cada indivíduo (Moscovici, 1978).

Estas representações são produzidas pelas interações e comunicações no interior dos grupos sociais (na família, no trabalho, na escola, entre outros), refletindo a situação dos indivíduos no que diz respeito aos assuntos que são objeto do seu cotidiano (Veloz et al., 1999).

Logo, estes assuntos se originam no processo historicamente construído, e nas crenças e valores adquiridos pelo indivíduo no decorrer do seu desenvolvimento e encontram-se disseminados na cultura, instituições, práticas sociais, comunicações interpessoais (Moscovici, 1999). As representações são dinâmicas que constantemente se reciclam e inovam, pois são uma forma de conhecimento prático que se originam nas interações humanas, nos processos sociais e coletivos, com os interesses, contextos e necessidades envolvidas (Grotz & Rodrigues, 2012).

Jodelet (1989, 2001) considera que a representação social é a representação de alguém e de alguma coisa e diz respeito a como o indivíduo social apreende os acontecimentos da sua vida cotidiana, as informações do seu contexto, as pessoas, entre outros, ou seja, as representações sociais dizem respeito aos conhecimentos que o indivíduo social acumula a partir das experiências, informações, saberes e modelos de pensamentos que recebe e transmite pela tradição, educação e comunicação social.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, associado ao método qualitativo, com 28 produtores rurais do município de Diamantino – MT; estes foram divididos em dois grupos: o primeiro grupo, foi composto por produtores rurais, cuja posse de propriedade(s) não ultrapassa 100 hectares classificado como pequeno produtor e o segundo grupo, formado por produtores com propriedade(s) que totalizam mais de 100 hectares, os quais, nomeados grandes produtores. Esta divisão, referente a categoria pequeno ou grande produtor, foi estabelecida a partir da dimensão do módulo fiscal para o município de Diamantino – MT (Lei nº 6.746/1979 – Brasil, 1979).

Todos os participantes são do sexo masculino, com 64,28% tinham idade entre 65 e 74 anos, 25% entre 75 e 84 anos e 10,72% com 85 anos ou mais. Sobre o nível de escolaridade, 71,43% não tem escolaridade formal, ou estudou até o ensino fundamental incompleto, sendo que somente 28,57% tem escolaridade de ensino médio e ensino superior.

A respeito da relação com a produção rural, 64,28% afirma ter contato com o trabalho rural desde criança, 3,57% teve início na adolescência e 32,14% na vida adulta. A respeito do tamanho da propriedade, 7,14% dos pequenos produtores tem entre 1 e 10 hectares, 25% entre 2 e 30 hectares, 17,85% entre 31 e 40 hectares e 7,14% com propriedade que seja superior a 40, porém inferior a 100 hectares; 7,14% dos grandes produtores tem entre 100 e 500 hectares, 14,28% entre 501 e 1000 hectares, 17,86% entre 10001 e 3000 hectares e 3,57% com mais de 3001 hectares.

Desta forma, percebe-se que mesmo os entrevistados terem contato com o trabalho rural desde criança (64,28%), somente 35,71% possuem propriedades acima de 501 hectares. A respeito da situação de recebimento de aposentadoria, benefício e/ou pensão, tem-se que: 17,86% não recebe qualquer tipo de aposentadoria e benefício, 50% recebe aposentadoria, 17,86% recebe benefício, 3,57% recebe pensão por falecimento, 3,57% recebe aposentadoria por invalidez, e 7,14% recebe aposentadoria e pensão.

Por ser um estudo desenvolvido no Brasil, foram adotados todos os procedimentos obedecendo os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, o projeto será submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), apresentando todos os termos de acordo com as exigências da resolução 510/2016 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

O questionário foi aplicado aos idosos de forma individual, de acordo com a disponibilidade do tempo e espaço físico em suas residências. Estes entrevistados foram contatados por meio do Sindicato Rural de Diamantino (SRD).

Cada idoso que participou da pesquisa foi solicitado a indicar outros participantes, dentro do método bola-de-neve; estes, foram convidados a participar de forma voluntária, anônima e privada para responder as questões apresentadas. Nenhum deles foi obrigado participar da pesquisa, podendo desistir da a qualquer momento.

Aos participantes que concordaram em participar da pesquisa, por vontade própria, solicitou-se a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde se informou o objetivo do estudo, bem como, os riscos e benefícios e em seguida o próximo passo do estudo, que foi responder o questionário.

Após a coleta de dados, foi feita a transcrição integral das gravações. A partir do material transcrito, e, tendo em vista a grande quantidade de respostas obtidas, preliminarmente submeteu-as a uma análise de semântica do conteúdo, por meio da Análise de Conteúdo do Discurso (Bardin, 2009) possibilitando, uma primeira análise léxica e lógico-estrutural de seus conteúdos, pois, segundo Bardin (2009, p. 14) “por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sendo que convém desvendar”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a coleta de dados, estas foram organizadas de acordo com o grupo de pertença rural, isto é, pequeno e grandes produtores. sendo assim, as respostas referentes aos pensamentos e sentimentos a respeito do trabalho em pessoas com idade de estarem aposentadas, possibilitaram a organização nas categorias do tipo Meritocracia, Negatividade sobre si, Responsabilidade do Estado, Autodeterminação, Dignidade, Segurança Econômica, conforme tabela abaixo:

Tabela 1

Categorias emergentes na questão “O que significa trabalho para você” na amostra total (pequenos e grandes produtores).

	Nt	NPp	NGp
Autodeterminação	28,57	31,25	25
Dignidade	25	18,75	33,33
Negatividade sobre si	17,85	25	16,66
Meritocracia	7,14	12,5	0
Segurança Econômica	7,14	0	16,66
Sem sentido	7,14	6,25	8,33
Responsabilidade do Estado	3,57	6,25	0

Fonte: construção dos autores.

Notas. Nt: Número total NPp: Número Pequenos Produtores NGp: Número Grandes Produtores

A categoria *Meritocracia* compreende a crença de que o indivíduo ou grupo merece mais mérito devido aos trabalhos prestados, dedicação e/ou inteligência, e nesta pesquisa abrangeu a subcategoria Meritocracia e conformismo.

Rohm e Lopes (2015) afirmam que por meio do trabalho o homem se relaciona com seu com o meio externo, construindo sua realidade interna, se inserindo em grupos sociais, atuando em papéis e perpetua sua existência. Desta forma, por meio do trabalho o indivíduo constrói sua subjetividade, produzindo significado para si e para sua vida.

O Sujeito 1 expressa sua dedicação ao trabalho, e acredita que merece ser reconhecido pois, apesar dos perigos que a pessoa idosa corre, ele ainda sim permanece trabalhando e cuidando dos filhos pequenos sozinho: *“Eu sinto que é uma ajuda que a pessoa tá querendo dar. Estar aposentado, né? Agora trabalhar de empregado, não. Não pode, né? Isso aí eu até eu sou contra muita gente que é empregado e que é aposentado aí e pega o dinheiro da aposentadoria e vai destruir com outras coisas, né? Tem muitos aí que a gente sabe, que o negócio... eles é aposentado, qualquer coisinha vai lá e aposenta. Eu vou dizer a senhora, eu conheço cada pessoa aposentada aí que o dinheirinho vai tudo para destruição. Tem desses aposentados aí que eu falo “meu Deus do céu, eu que trabalhei tanto, aposentei por idade e o dinheirinho não tá dando. Fulano que vive aí na mordomia danada aí, aposentou e ganha dois, três salários aí sem precisar”. E gastando com outras coisas, né? Eu acho que a pessoa de muita idade ele num pode fazer um certo serviço perigoso. Ele não pode! Eu mesmo tô fazendo um serviço perigoso. Eu tava cego das vistas e indo tirar minha aposentadoria, indo de carro. Eu não posso fazer isso aí. É um serviço que eu num tava podendo fazer mais e eu tava fazendo. [...] O trabalho é cansativo porque a pessoa é de idade, ele trabalha, não tem que ninguém de idade bater papo não, porque eu fui criado no trabalho, ele de noite não dorme direito. Eu ainda durmo porque eu tomo meus remédios caseiros, eu sei usar minha cama, travesseiro, eu sei usar. E eu ainda trabalho o dia todo, mas quando é de noite a gente tá cansado, e o corpo tudo doído. Nem vontade de jantar num tem. Essa dor no corpo, é depois que eu envelheci. Quando era mais novo eu não sentia. Isso aí foi quando caí na idade veio. [...] mas eu tenho que fazer meu servicinho. Eu me criei assim, e não dá para ficar só em casa. Eu não posso abandonar meu serviço. Isso aqui não tem ninguém pague, que eu pague ninguém não. Essas coisinhas aqui tudo sou eu que faço. É eu que faço. Eu faço uma mesa dessa, é pesada. Uma aí foi eu quem fiz. Tudo foi eu que fiz isso aqui. As crianças não me ajudaram, porque as crianças estavam estudando. Meus filhos quando estão estudando, eu falo “cês ajeita, vou ajeitar comida, cês comem que o ônibus tá pra vim (vir)”*.

Chega da escola “esquenta a janta, toma banho e vai jantar. E vai deitar!” Minha criação é assim, e eu não gosto que me desatenda, eu gosto das minhas coisas, comida tudo prontinha. Eu falo “Linda Alice, cê dá uma limpazinha na casa”, ela pronto, dá. “Linda Alice, lava a roupa”, ela lava. Mas eu não tiro ela da escola. Eu não falo “Não, você não vai para escola hoje não. Cê vai limpar casa”, não! Eu não faço isso aí não. E mesmo indo para a escola, eles me ajudam aqui em casa.”

Com a modernização, houveram novas formas de trabalho no meio rural, com o incremento do uso de fertilizantes e defensivos químicos (inseticidas, fungicidas e herbicidas), utilização de ferramentas rudimentares (como o uso de machado, foice, entre outros) e a utilização dos tratores e outros maquinários (Werlang & Mendes, 2016) aos quais muito trabalhadores não detém o conhecimento necessário para operar.

A justificativa para esta continuidade, apesar dos riscos está na fonte de significados atribuídos ao trabalho, que constrói a subjetividade do indivíduo, na interdependência entre a história individual e as determinações socioculturais. Segundo Stevenson (1976, pp. 72-73) “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”.

O Sujeito 5 justifica a sua relação com o trabalho, como um constituinte da sua subjetividade: *“O trabalho, quando você aprendeu, cresceu, aprendeu, levou a sua vida trabalhando, o trabalho é o sustento pra você, é uma maneira de você ocupar o seu tempo, de você se distrair com as coisas, pra num deixar que você caia naquela solidão. Trabalho é companheiro, né? Aposentadoria é a forma que você tem de subsistência. O trabalho é a sua decadência que você não tem mais como fazer aquilo que você gostaria de fazer, aquilo que você precisa. Então você tem a decadência, que é o trabalho, né? Que você vai perdendo a sua atividade pouco a pouco. Enquanto que a aposentadoria vem pra sua manutenção. [...] É você agradecer a Deus pelo tempo que você viveu. Por tudo aquilo que ele te deu oportunidade de fazer. E reconhecer, que é um tempo também da reflexão, de você poder fazer uma análise da sua vida.*

O que que você fez mais de bom, ou se você fez mais de mal. O que que faltou pra você? O que que você fez que não deveria ter feito, né? Então, eu, pra mim isso é um período de reflexão, um período de agradecimento a Deus por você ter chegado até ali. Porque muitos não chegam, né? Tem crianças que nascem hoje e morrem amanhã, né? Então, não teve oportunidade nenhuma. Então a gente que chegou lá, eu tô, por exemplo, com 78 anos, né? Já tive muitas oportunidades na vida, de ver muitas coisas, fazer muitas coisas. Então aí tenho na visão, hoje, tudo isso como uma forma, uma graça que Deus me deu, né? Durante esse período de subsistência, né? E hoje, o que eu tô passando hoje é fruto daquilo que eu fiz, né? De bom ou de mal.”.

O trabalho pode ser fonte de prazer e satisfação, ou de sofrimento. Quando as condições laborais e as expectativas são convergentes, ocorre a satisfação, quando a realidade e a expectativa são divergentes, há sofrimento (Dejour, 2010). Na categoria a seguir, as expectativas não são atendidas pela realidade: categoria *Negatividade sobre si*.

A categoria *Negatividade sobre si* é caracterizada pela não aceitação ou visão pessimista sobre si, ou seja, o indivíduo percebe em si apenas nos aspectos mais desfavoráveis e desagradáveis, desconsiderando os aspectos positivos, e se alicerçou nas subcategorias Autodesvalorização, Auto decepção, Desencanto e Direito/desapontamento.

O indivíduo, seja durante o trabalho, seja fora dele, precisa que sua vida tenha sentido, para que ele não seja escravo do trabalho. No entanto, com a aposentadoria, muitos idosos veem dificuldades para perceber outras atividades (remuneradas ou não) que possam fazer sentido para si e para a sociedade (Antunes, 2006). O Sujeito 2 afirma ter o desejo de continuar trabalhando, mas não pode devido à aposentadoria, demonstra assim, a categoria Autodesvalorização: *“Porque se a pessoa tá aposentada, e tá trabalhando, é muito bom. Porque eu gostaria de tá trabalhando hoje. Mas eu não posso porque eu aposentei por invalidez né. Se eu não fosse aposentado por invalidez, hoje eu taria trabalhando no mesmo (mesmo) trabalho que eu trabalhava antigamente. Eu mexia com trator de esteira. Lá não era igual aqui. Lá eu tinha que cumprir horário né. E aqui não”.*

O Sujeito 6, também se auto desvaloriza, pois não possui mais as capacidades de quando era jovem: *“Ah, entendo assim, porque do momento que a gente já tem idade, a gente não era mais o que a gente é. Porque hoje eu não sou mais o que eu era antigamente de idade. Eu não sentia cansaço e anoitecia e amanhecia e eu levantava e era a mesma coisa. Hoje eu tô complicado de idade, eu já tô em idade avançada e depois eu tenho problema de saúde, eu tenho problema de coluna. Machucado. Eu tive problema de hanseníase e fiquei sentindo até hoje sintomas que eu sentia durante o tratamento, né? Então o que eu sinto é isso aí.”*

O envelhecimento e as alterações biopsicossociais que lhe acompanha, alteram também algumas habilidades e competências do indivíduo que envelhece. Sticca e Pádua (2016) elencam algumas alterações que são necessárias para a execução de algumas tarefas em ambiente laboral: diminuição do tempo de reação, habilidade para escutar baixas frequências, perda da força e agilidade, perda da visão e/ou diminuição da visão para longas distâncias e/ou noturna, sensibilidade a brilho intenso, perda muscular, entre outros. Além disso, os idosos se cansam mais rápido, precisam de mais tempo para se recuperarem após a realização de tarefas exaustivas e tem menor tolerância para trabalhos a serem realizados em turnos.

As alterações cognitivas que podem ser citadas são: dificuldade em executar atividades que exigem grande quantidade de informação e/ou processamento cognitivo rápido. No entanto, essas dificuldades podem ser compensadas pela motivação, experiência e sabedoria dos idosos, realizando as tarefas com melhor precisão (Sticca & Pádua, 2016).

Como complementam Vasconcelos e Jager (2016) e Monteleone, Witter e Gama (2015), a sociedade ocidental associa a juventude à beleza, felicidade, saúde, vigor e sucesso pessoal, o que contribui para que o idoso seja visto como negativo, frágil, improdutivo, vulnerável e sem valor social. Como consequência, os sujeitos envelhecidos que não conseguem corresponder à essas demandas perdem suas representações e subjetividade, e a ausência de um lugar social, faz com que os idosos não vejam perspectiva de futuro positivo (Vasconcelos & Jager, 2016).

Ciampa (1992) afirma que a construção da identidade precisa ser reafirmada constantemente pelo ambiente social e vai transformando-se num contínuo processo de re-identificação do indivíduo. O Sujeito 23 manifesta Desencanto sobre não conseguir resignificar o trabalho após se tornar idoso: *“Que tá assim na decadência. Fim de vida. Qualquer coisa pode se pensar, nisso. Pensar que não consegui. Não consegui ser aposentado. Não consegui ter uma poupança, não consegui ter bens, e preciso trabalhar. Tô com a idade avançada e preciso trabalhar.”*

O Sujeito 8 expressa a categoria Auto decepção, pois acredita que o idoso se esforçou para se aposentar, e deveria merecer uma aposentadoria alta, no entanto, por ser um valor abaixo do esperado muitos idosos estão se submetendo à continuidade do trabalho: *“Bom, se é aposentada é porque conseguiu completar, né? “Fazeu” (fez) força pra ele aposentar com um salário alto, né?! Porque o governo (?) até mesmo hoje os aposentados de salários altos “é difícil”, né?! Se fosse uma aposentadoria alta não estariam trabalhando.”*

Por meio do trabalho remunerado o indivíduo sente segurança e independência, pode pensar em outras atividades e estabelecer novos papéis, no entanto, quando a remuneração é insuficiente, não há possibilidade de reconhecimento, satisfação, realização pessoal e crescimento e desenvolvimento pessoal. Souza, Matias e Bretas (2010) complementam ainda que o afastamento do trabalho está ligado com a redução da qualidade de vida e de envelhecimento.

A *Responsabilidade do Estado* refere-se à obrigação legal do Estado em garantir, por meio de políticas sociais e econômicas, o acesso universal e igualitário dos indivíduos às ações e serviços de forma a garantir seus direitos, e abrange a subcategoria Compromisso do Estado, conforme o discurso do Sujeito 7: *“Idade de pessoa aposentada? Essa parte não estou nem entendendo. Se tá aposentado e ainda tá trabalhando? Que tem aposentadoria por invalidez, esse aí não tem aquela aposentadoria que a gente paga. O meu eu paguei. Eu paguei, todo mês descontava, eu trabalhava na prefeitura, descontava.”*

Paguei o INSS vinte e cinco anos. Porque esses que paga pro INSS, mensalidade. Se aposenta por idade. Porque aposentado por idade, porque ele não aguenta mais trabalhar. Agora essas pessoas que paga vinte, trinta anos, vinte e cinco, trinta. Tem vez ele aposenta novo, pode trabalhar ainda né. Eu acho que devia ter só assim por, por idade. Agora a maioria, os novos estão pagando esse negócio aí. Aposentadoria, e quando ele já tá com trinta anos, ele já tá aposentado. Porque agora ta esse negócio da pessoa pagar quando ele inteira vinte e cinco anos pagando, ele aposenta. Tem vários tipo, tem vários tipos de aposentadoria. Vários, não é só um né? Eu aposentei por idade. Faço aí alguma coisa, tudo, mas porque eu não posso ficar deitado. Quando eu tava no hospital, eu ficava meio apavorado, porque quem tá acostumado a trabalhar, lutar. Entraram na casa, era ali que morava, reviraram tudo, pegaram trocado. Poder a voltar a trabalhar, é uma situação de alegria. Eu to trabalhando porque, só de eu olhar minhas criações, não tô cortando nada, carregando peso, mas olhando já é trabalho né.”.

Apesar de o Estatuto do Idoso responsabilizar o Estado jurídico-formalmente pela garantia dos direitos dos idosos, estes são insuficientes para compensar as desigualdades sociais (Faleiros, 2012). Para melhor efetivação das políticas públicas voltadas para os idosos Giacomini (2012) sugere que estas sejam verticais, inclusivas, transversais e de caráter interdisciplinar (saúde, assistência social, previdência, educação, esporte e lazer), compreendendo todas as idade, gêneros e condições sociais, assegurando mecanismos socioeconômicos e programas destinados à participação social e resgate das habilidades criadoras do idoso.

Por outro lado, quando as políticas públicas priorizam o público jovem, acentua-se a desvalorização social e a falta de interesse pelo idoso (Tura et al., 2014).

A categoria *Autodeterminação* compreende os fatores internos ao indivíduo que regem seu comportamento, pensamento e expectativas com relação às atitudes e valores, e se alicerçou nas subcategorias *Dedicação e otimismo*, *Determinação*, *Autodeterminação* e *Autodeterminação e dignidade*.

A continuidade em atividades laborais é explicada pelo Sujeito 4 como Dedicção e Otimismo: *“É porque gosta de trabalhar e tem como trabalhar. A gente num impede, a gente num trabalha num serviço pesado... igual se for igual eu disse agora a pouco né, tratando duma criação, arrumar uma cerca, arruma um mangueiro de porco., é um movimento que ajuda né?! Ajuda na saúde, em vez dele fica sentado ai triste, pensando na idade. É isso, movimentar da alegria.”*

Percebe-se no discurso do Sujeito 4 que o Otimismo está em fazer atividades respeitando as limitações individuais, e não fazendo serviço pesado. As atividades a serem executadas são aquelas da rotina rural e já conhecidas pelos indivíduos entrevistados: *tratando duma criação, arrumar uma cerca, arruma um mangueiro de porco.*

No entanto, Codo (2011) expõe que a rotina e a monotonia da execução das atividades, deixa de se converter em aprendizagem, em modificações do sujeito e é ausente de transformação. Baltes (1987, 1997) afirma que a diminuição da amplitude de alternativas comportamentais faz com que os indivíduos idosos optem por realizar tarefas com as quais tenham mais facilidade, evitando as que apresentem dificuldade.

Já o Sujeito 9, além das atividades rotineiras, se diz determinado (Subcategoria Determinação) para aprender uma nova atividade, o cultivo em horta, de forma a preencher o tempo livre das atividades habituais: *“Olha, eu quero me aposentar, e continuar mais um pouco pra frente. Eu quero fica lidando só no sítio aqui, que agora eu quero ver se a hora que eu me aposentar quero ver se começo mexer com coisa de horta também. Que aí nos intervalo que sobra das vaca, eu tô cuidando da horta.”*

Zanelli, Silva e Soares (2010) expõem que o trabalho é importante pois organiza a rotina humana, estabelecendo regras, horários, atividades e relações sociais, muito além da prática monótona e sem sentido das atividades laborais. O Sujeito 16 expõe que a continuidade no trabalho é benéfica para saúde (subcategoria Autodeterminação):

“A gente pensa que não precisa mais trabalhar né?! Só que eu acho ao contrário. Se você aguentar trabalhar, tanto faz se você está aposentado como não, você tem que continuar né?! Pela saúde né?! Quanto mais você ficar parado, eu faço imaginação de uma ferramenta. Se eu estou usando uma ferramenta, pega ela e encosta ela ali, daí três, quatro meses ela está enferrujando. Tiro por isso aí.”

E o Sujeito 21 explica que a continuidade das atividades laborais possibilita o desenvolvimento ativo do indivíduo idoso, lhe proporcionando Dignidade (subcategoria Autodeterminação e dignidade): *“eu acho que tem que trabalhar o aposentado. Por que ficar em casa ele vai entrevar, vai parar, vai sair do tempo. Não vai acompanhar o tempo. Fica parado, só olhando televisão...”*.

Em razão da importância da rotina para estabelecer relações sociais, a sua ausência tende a provocar no idoso a desorientação, depressão, desestruturação emocional e sentimento de inutilidade (Zanelli et al., 2010).

A categoria *Dignidade* consiste na necessidade emocional que o indivíduo tem de ser reconhecido pelo seu valor, honra, autoridade e como sendo merecedor de respeito, e abrange a subcategoria de mesmo nome.

O trabalho, ao se configurar como organizador e ter centralidade na vida das pessoas, supre muito além das necessidades econômicas, mas também as necessidades de *status* e reconhecimento social, construindo positivamente a autoimagem dos indivíduos (Bendassolli, 2011). Já Morin, Tonelli e Pliopas (2007) expõem que o trabalho contribui para independência e satisfação pessoal, pois desafia, demanda responsabilidade e estimula o potencial do indivíduo, como é exposto pelo Sujeito 27: *“Eu acho que a pessoa tem que trabalhar, é claro que você vai trabalhando de acordo com a parte física né, mental, parte intelectual que eu digo, eu acho que ninguém perde né. A não ser com a doença de Alzheimer né, alguma coisa nesse sentido né, que possa prejudicar.*

Mas eu acho que nessa duvida que a velhice deixa... Todos nós temos limitações né, em todos os campos né, que a gente atua, que a gente exerce alguma atividade. [...] Então a gente se cuida um pouco mais, mas não pode deixar de trabalhar.”

O Sujeito 14 expõe sobre a tendência dos idosos rurais se aposentarem e venderem o patrimônio, no entanto, o entrevistado reconhece a permanência das atividades rurais como possibilidade para manter a dignidade, pois não há falta alimento: *“Há... Tem gente que aposenta porque não quer mais trabalhar né!? Tem que gente que aposenta porque não aguenta mais trabalhar. Eu pensa é melhora na coisa de alimentação, essas coisas. É o que eu penso. Eu não penso em vender, eu não penso em negociar com ninguém. Tudo o que eu faço é pra consumo. Até inclusive, essas galinhas aí, chega gente aqui (e fala) “há! Quero compra umas dez pintinho pra mim, e uns frango” (respondo) “não! Isso aí é pra mim comer”. As vezes o guri teima e vende aí, um frango ou dois. Mas vai da pessoa né!? As vezes é conhecido, quer comer um franguinho, vem aí, nós vende.”*

Rohde, Lasta e Areosa (2017, p. 2) expõem que o processo de envelhecimento nos contextos rural e urbano é semelhante, no entanto, a população encontra outras dificuldades, como “pobreza, isolamento social, educação e habitação mais precárias, restrição do acesso a transporte e distância dos recursos sociais e de saúde”, ocasionando problemas de saúde e dependência. Devido às dificuldades de morada em contexto rural, muitas famílias vendem o patrimônio. Silva (2015) afirmam que, quando ocorre a venda do patrimônio, os pais utilizam o dinheiro para adquirir casa e outros bens no meio urbano. Se após essa aquisição ainda houverem recursos, estes são divididos entre os filhos, ou entregue para o filho que precisa de mais ajuda. Além da Dignidade proporcionada pela produção rural, esta também proporciona Segurança Econômica.

A categoria *Segurança Econômica* compreende a certeza que haverá capital financeiro para a manutenção das condições necessárias para sobrevivência e bem-estar e se alicerçou na subcategoria Valorização econômica.

Rohm e Lopes (2015) expõe que, o sistema capitalista trouxe mudanças nas esferas política, econômica e social, o que modificou a percepção sobre o processo de trabalho, que passou a ser compreendido como uma obrigação humana que possibilita a melhora do nível de renda, a promoção social e a inserção na sociedade.

A atividade, conforme a ideologia capitalista, passou a ser automática e mecânica, perdendo parte do valor afetivo e sentido individual, o que explica, muitas vezes, que o trabalhador permaneça executando as mesmas atividades pelo medo de perder a renda que tem acesso e passar por dificuldades financeiras, e medo de perder a inserção no meio social e do grupo a que pertence (Faria, 2007), como expressa o Sujeito 19 (subcategoria Valorização Econômica): *“Para ter a renda. Uma necessidade de ter dinheiro.”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grisci e Lazzarotto (2013, p. 201) trazem o debate sobre a importância de a psicologia ampliar as escutas e olhares com relação ao trabalho e os possíveis efeitos sociais e subjetivos dele decorrentes, no sentido de “pluralizar a compreensão da realidade social, de identificar diferenças/igualdades que permeiam o universo da classe trabalhadora”, de forma a pensar estratégias para promoção de saúde e ajustamento social.

Buscou-se por meio dessa pesquisa compreender os pensamentos e sentimentos de pequenos e grandes produtores rurais sobre trabalho em pessoas com idade de estarem aposentadas, pois este processo de envelhecer, diminuir o ritmo de trabalho, se aposentar e decidir ou não ficar sem trabalhar, é perpassado por fatores psicológicos e emocionais, apresentados nesta pesquisa por meio dos discursos manifestos dos entrevistados.

Os relatos apresentados pelas entrevistadas trouxeram elementos significativos que possibilitaram a aproximação com a realidade de vida de cada um dos participantes, onde houveram relatos sobre as dificuldades e superações relacionadas ao envelhecimento e vinculações com a permanência no trabalho rural, mesmo estando com idade de se aposentar.

Ao analisar a continuidade do trabalho, percebe-se sua associação à autodeterminação, dignidade, meritocracia, segurança econômica, responsabilidade do Estado e negatividade sobre si. Pois, o envelhecimento acarreta em problemas de saúde, que limitam e restringem a atividade laboral, desmotivando e desapontando o idoso, gerando sentimento de injustiça e sofrimento, no entanto, o envelhecimento também possibilita sabedoria. A continuidade no trabalho se relaciona à sobrevivência e ao conformismo, sendo percebida como positiva para a melhora na saúde e organização da rotina, o que gera sentimento otimismo, dignidade, respeito e autovalorização.

Os pensamentos e sentimentos associados ao trabalho em pessoas com idade de estarem aposentadas significam, para os idosos, Autodeterminação, pois o fator idade não está associado à interrupção do trabalho. Alguns idosos recebem aposentadoria ou benefício governamental, no entanto, dizem que preferem continuar trabalhando, pois estabelecem uma rotina durante o dia, se atualizam, e assim se sentem úteis e satisfeitos por realizarem uma atividade que lhes é conhecida e prazerosa. Reafirmam que as atividades não podem ser perigosas ou que exijam muito da pessoa idosa e complementam que o trabalho prolonga a vida e é benéfico para a saúde. Além disso, justificam que o valor recebido com a aposentadoria não é suficiente para suprir todas as necessidades.

Associado à Autodeterminação para continuar trabalhando, os idosos ainda se sentem Dignos ao continuar trabalhando, pois estão sendo produtivos, subsistentes, e não tem tempo para fazer ou pensar “coisas erradas”, como frequentar bares e ingerir bebida alcoólica. Relatam ainda situações em que a pessoa não precisava estar aposentada, e que gastou o dinheiro com coisas criticáveis, como uso de álcool e outras drogas.

A Negatividade sobre si associadas aos idosos e o trabalho é que, os idosos que não trabalham é porque estão limitados fisicamente ou porque crenças externas não lhes permitem continuar as atividades. Comparam a atual situação com aquela desempenhada quando eram mais jovens. Os idosos acreditam ainda que, aqueles de mesma idade que não estão trabalhando é porque o valor monetário da aposentadoria é alto ou que conseguiu angariar um patrimônio suficiente para não precisar mais trabalhar.

Alguns idosos acreditam que a idade não é um fator para deixar de trabalhar e desta forma, deveria receber Méritos por isso. Justificam que os idosos que trabalham o fazem porque: são habitados a trabalhar e precisam ocupar o tempo, não tem quem faça por eles, ou tem o desejo de ajudar, mesmo não estando em condições físicas para tal. Relatam ainda que algumas tarefas têm que ser feitas por eles, pois ninguém mais tem o conhecimento e a capacidade de fazer. No entanto, acreditam que o trabalho realizado por idosos não poderão ser os perigosos.

A continuidade no trabalho, para alguns idosos se relaciona ao acúmulo de bens materiais, seja porque necessitam desta renda para sobrevivência, seja porque desejam acumular bens para as próximas gerações. No entanto, acredita que o pagamento da aposentadoria é uma Responsabilidade do Estado e o valor deveria ser maior e proporcional às contribuições no decorrer da vida.

Ao utilizar a Teoria das Representações Sociais como aporte teórico metodológico pode-se aproximar das estruturas empíricas dos produtores rurais idosos e dar significado às vivências, angústias e potencialidades. Neste sentido, a escolha foi frutífera e atendeu as expectativas do estudo.

É necessário, cada vez mais, o desenvolvimento de pesquisas e programas com visões abrangentes, de forma a envolver tanto quem oferece os novos conhecimentos, quanto os conhecimentos já existentes dos idosos, para a criação de soluções possíveis e alcançáveis para a melhoria da qualidade de vida deste público.

Desta forma, o presente estudo nos possibilitou pensar novas investigações e sugestões de pesquisas que possam vir a minimizar os impactos negativos para a população idosa brasileira, a saber: investigar como se dá a organização do trabalho rural afim de criar subsídios para fomentar a permanência da população jovem nos espaços rurais, e que o trabalho ocorra de forma mais efetiva e menos desgastante para a população idosa; analisar os aspectos psicossociais que fazem com que os indivíduos, mesmo fora da vulnerabilidade econômica, permaneçam exercendo atividades laborais.

Acredita-se ainda na necessidade de estudos que considerem a diversidade e potencialidades do envelhecimento humano, onde haja espaço para a expressão das identidades sociais no mundo rural e afirmação das novas ruralidades.

REFERÊNCIAS

- Antunes, R. (2006). O trabalho que enobrece, mas também avilta. *Jornal da UNICAMP*, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, p. 9.
- Azevedo, A., Campanili, M., & Pereira C., (org.) (2016). *Caminhos para uma agricultura familiar sob bases ecológicas: produzindo com baixa emissão de carbono*. Brasília, DF: IPAM, 35-50.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of the life span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611–626. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.23.5.611>
- Baltes, P. B. (1997). On the incomplete architecture of human ontogeny. Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American Psychologist*, 52(4), 366-380. https://doi.org/1007/978-1-4615-0357-6_2
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa, Portugal.
- Bendassolli, P. F. (2011) Mal-estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 10, 63-98.
- Brasil (1979) Lei nº 6.746, 10 dez. de 1979. Brasília, 1979.

- Calegare, M. G. A. (2015) Rural-urbano, estudos rurais e ruralidades: saberes necessários à Psicologia Social. In: Lima, A. F., Antunes, D. C.; Calegare, M. G. A. (Orgs.). *A Psicologia Social e os Atuais Desafios Ético-Políticos no Brasil*. Porto Alegre, Brasil, Abrapso Editora, 473-457.
- Calegare, M. G. A. (2017) Rumo a uma abordagem psicossocial da florestalidade (ruralidade) amazônica. In: Rasesa, E. F; Pereira, M. S., & Galindo, D. (Orgs.). *Democracia Participativa, Estado e Laicidade? Psicología Social e Enfrentamentos em Tempos de Exceção*. Porto Alegre: Abrapso Editora, 285-300.
- Carneiro, M. J. (2012). Do 'rural' como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: Carneiro, M. J. (Org.), *Ruralidades Contemporâneas: Modos de Viver e Pensar o Rural na Sociedade Brasileira*, 23-50. Rio de Janeiro, Brasil: Mauad X.
- Ciampa, A. C. (1992). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Codo, W. (2011) Um diagnóstico integrado do trabalho com ênfase em saúde mental. In: Jacques, M. G. C, & Codo, W. (Org.). *Saúde Mental & Trabalho: Leituras*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 173-190.
- Dejours, C. (2010) Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho? *CULT*, 139, 49-53.
- Delgado, G., & Cardoso Junior, J. C. (2004). O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização. In: Camarano, A. A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: Muito além dos 60*. Rio de Janeiro: Ipea, 293-319.
- Diener, E., & Oishi, S. (2009). Money and happiness: Income and subjective well-being across nations. In: Diener, E., & Suh, E. M. (eds.), *Culture and subjective well-being*, 185-218. Cambridge: MIT Press.
- Direito, D., Lício, E., Marson, N., & Frutuoso, J. R. (2015). Perfil socioeconômico das pessoas e famílias residentes no meio rural sob a ótica do cadastro único para programas sociais. In: Mello, J. (Org.), *A inclusão produtiva rural no Brasil sem miséria: o desafio da superação da pobreza no campo*, 23, 136-159. (Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate).

- Faleiros, V. de P (2012). A pessoa idosa e seus direitos: sociedade, política e constituição. In: Berzin, M V, & Borges, M. C. *Políticas Públicas para um país que envelhece*. São Paulo: Martinari, 45-66.
- Faria, J. H. (Org.) (2007). *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais*. 1. ed. São Paulo: Atlas.
- Ferraz, L. Alves, J. Ferreti, F. (2017). A vulnerabilidade ocupacional do idoso no meio rural. *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, 8(1), 1-14. Recuperado de <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4165>
- Giacomin, K. C. (2012) Envelhecimento Populacional e os desafios para as políticas públicas. In: Berzins, M. V., Borges, M. C. *Políticas Públicas para um país que envelhece*. São Paulo: Martinari, 19-44.
- Grisci, C. L. I., & Lazzarotto, G. R. (2013). Psicologia Social no trabalho. In: Jacques, M. G. C., Strey, M. N., Bernardes, M. G., Guareschi, P. A., Carlos, S. A., & Fonseca, T. M. G. (Orgs.). *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. Petrópolis, RJ :Vozes, 197-205.
- Grotz, F. M., & Rodrigues, B. M. (2012). Representações sociais: conceitos e trajetórias epistemológicas. *5º Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação – UFF | UFRJ | UERJ | PUC-RIO*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1-16.
- IBGE (2014) Síntese dos indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira: 2014. *Estudos e pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica*. n. 34. Rio de Janeiro: IBGE.
- INCRA/FAO. (2000) *Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto*. Brasília: INCRA/FAO, 2000.
- Jesuino, J. C., Torres, T. L., Soares, C. C., & Silva, A. O. (2017). Contribuições para uma gerontologia crítica. In: Silva, A. O., & Camargo, B. Z. *Representações sociais do envelhecimento e da saúde*, 59-83.
- Jodelet, D. (1989). *Les représentations sociales*. Paris: PUF.
- Jodelet, D. (2001) Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (Org.). *Representações sociais*. (pp.17-44). Rio de Janeiro: Eduerj.

- Jodelet, D. (2003) Pensamiento social e historicidad. *Relaciones*, 24(93), 97-114.
Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/137/13709305>
- Kegler, P., Santos, R. L., & Macedo, M. M. K. (2011). La subjetividad em el mundo del trabajo: vivencias entre realidade psíquica y realidade material. *Acta Psiquiatria e Psicologia America Latina*, 57(4), 326-332.
- Macêdo, L. S. S., Bendassolli, P. F., & Torres, T. L. (2017). Representações sociais da aposentadoria e intenção de continuar trabalhando. *Psicologia & Sociedade*, 29, 1-11.
- Matos, P. F., & Pessôa, V. L. S. (2011). A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. *Geo UERJ*, 12(2), 290-322.
- Monteleone, T. V., Witter, C., & Gama, E. F. (2015). Representação Social de Idosos: análise das imagens publicadas no discurso midiático. *Estudo interdisciplinar envelhec*, 20(3), 921-937. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/48330>
- Morin, E., Tonelli, M.J. & Pliopas, A.L.V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicol. & Soc.*, 19(spe), 47-56. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400008>.
- Moscovici, S. (1961/2003). *A Psicanálise: sua imagem e seu público*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1999). *Lo social em tiempos de transición* (Entrevista concedida a Mireya Losada). Venezuela, 617, 302-305.
- Organización de las naciones unidas para la alimentación y la agricultura (FAO). (2016) *Juventud rural y empleo decente en América Latina*. Editado por Martine Dirven. FAO: Santiago, Disponível em: <<http://www.fao.org/3/a-i5570s.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2020
- Oxfam (2016). *Desterrados: tierra, poder y desigualdad em América Latina*.
- Passos, M. M., Dubreuil, V., & Bariou, R. (2006). Evolução da fronteira agrícola no centro-oeste do Mato Grosso. *Geosul*, 21(41), 67-85.
- Rambo, J. R., Tarsitano, M. A. A., & Laforga, G. (2016). Agricultura familiar no Brasil, conceito em construção: trajetória de lutas, história pujante. *Revista de Ciência Agroambiental*, 14(1), 86-96.

- Robazzi, M. L. C. C., Marziale, M. H. P., Rodrigues, R. A. P., Silveira, C. A., & Alves, L. A. (2009). Acidentes e agravos à saúde dos idosos nos ambientes de trabalho. *Revista de Enfermagem*, 17(3), 309-314.
- Rohde, J., Lasta, E. C., & Areosa, S. V. C. (2017). Como vivem idosos do meio rural no interior do RS. VI Jornada de Pesquisa em Psicologia - PSI UNISC: Pesquisa e Tecnologia na Psicologia Atual, 1-12. Disponível em: https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/17696/4570
- Rohm, R. H. D., & Lopes, N. F. (2015). O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. *Caderno EBAPE.BR*, 13(2),
- Santos, A. F., Barbosa, G. J. (Org). (2019). *Extensão Rural: experiências, pesquisas e sindicalismo*, vol II. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora.
- Schweitzer, L., Gonçalves, J., Tolfo, S. R., & Silva, N. (2016). Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 16(1), 103-116.
- Silva, G. C., Kemp, V. H., Carvalho-Freitas, M. N., & Brighenti, C. R. G. (2015). Significado do trabalho voluntário empresarial. *Revista Psicologia Organizacional e do Trabalho*, 15(2), 157-169.
- Silva, S. I. (2015). *A produção em área da agricultura familiar e sua vinculação com o agronegócio: estudo de caso do PA Carimã em Rondonópolis/MT*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Programa em pós-graduação em Geografia.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). Bom trabalho: a psicologia do emprego gratificante. In: Snyder, C. R., Lopez, S. J. *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed, 364-396.
- Souza, Rosângela Ferreira de, Matias, Hernani Aparecido, & Brêtas, Ana Cristina Passarella. (2010). Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(6), 2835-2843. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000600021>
- Stevenson, L. (1976). *Marx: A revolução comunista*. In: *Sete teorias sobre a natureza humana*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 63-80.
- Tolfo, S. da R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 38-46.

- Tura, L. F. R. Carvalho, D. M. de. & Bursztyn, I. (2014) Envelhecimento: práticas sociais e políticas públicas. In: Lopes, M. J, Mendes, F. R. P & Silva, A. O. (orgs.) *Envelhecimento – Estudos e Perspectivas*. São Paulo: Martinari.
- Vasconcelos, A. T., & Jager, M. E. (2016). A percepção de psicólogos sobre o envelhecimento. *Psicologia e envelhecimento. Multiciência Online*, 15(1), 127-136.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(2), 479-501.
- Werlang, R., & Mendes, J. M. R. (2016). Pluriatividade no meio rural: flexibilização e precarização do trabalho na agricultura familiar. *Em Pauta*, 38(14), 140-163.
- Zanelli, J. C., Silva, N., & Soares, D. P. (2010). *Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira*. Porto Alegre: Artmed.